

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO - SEED

SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO – SUED

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO – PDE

PROFESSORA PDE: **SUELI MARIA STRAPASSON**

ÁREA: **História** NRE: **Curitiba** MUNICÍPIO: **Curitiba**

PROFESSORA ORIENTADORA – IES: **DULCE OSINSKI - UFPR**

Escola: **COLÉGIO ESTADUAL AMÂNCIO MORO**

Público objeto da intervenção: **8ª série**

Conteúdo Básico: **O Imperialismo europeu, do século XIX, no continente africano.**

MÁSCARAS AFRICANAS, COLONIALISMO E ESTEREÓTIPOS: RELAÇÕES INTER-CULTURAIS EM MOVIMENTO

”...mais do que ensinar a ver de uma certa forma. É desejar que se veja de muitas formas.”

Luis Carlos de Menezes

O olhar como construção cultural

Figura 1 - Soleil



Observe a ilustração ao lado. Como você a vê? Analise sua reação. Classificaria a imagem de bonita ou feia?

Ela é uma máscara originária de Burkina Faso, país da África Central, utilizada para afastar maus espíritos e reverenciar os presentes concedidos pelos

Deuses: o Sol, a terra e a chuva.

Se causou estranhamento, não se aflija, esta sensação tem haver com o “nosso olhar”.

A percepção que temos “do outro” (objetos ou pessoas), do estranho, do diferente não acontece de maneira abstrata, nem desinteressada. Enxerga-se o mundo através de lentes, que são fornecidas pela nossa cultura. A classificação que fazemos está relacionada com o meio em que vivemos e passamos a atribuir valores positivos ou negativos ao “diferente”, ao “outro”, ao “estranho”.

Essas percepções que temos não derivam diretamente de critérios inatos, instintivos ou naturais. Nossos pontos de vista apresentam com forte conteúdo emocional que leva à compreensão ou não, aceitação ou não, dos modos de agir de pessoas, de grupos e culturas que pensam e sentem de maneira diferente dos quais estamos habituados.

O professor de Filosofia Paulo Faitamin apresenta idéias interessantes sobre o olhar e o ver. Acompanhe:

(...)A diferença fundamental é a que há entre *olhar* e *ver*. O *olhar* é atividade orgânica, mas *ver* é atividade intencional. O corpo olha, mas quem vê é a alma. A filosofia ocidental tem dado supremacia ao sentido da visão. (...)

(...) O vício do olhar sem ver é um grande problema da atualidade. (...)

(...) Mais do que a cor, a visão também leva consigo uma *intencionalidade*, com a qual “colore” o que se vê e o que a alma padece. (...) (FAITAMIN, www.aquinate.net)

E o historiador inglês Peter Burke, amplia o conceito, contribuindo ainda mais para a compreensão sobre o conceito do olhar. Leia:

(...) o conceito do “olhar” (gaze) [é] um termo novo, [foi] tomado emprestado do psicanalista francês Jacques Lacan (1901-1981), para o que teria sido descrito anteriormente como “ponto de vista”. Seja quando pensamos sobre as intenções dos artistas ou sobre as maneiras pelas quais diferentes grupos de espectadores olhavam para os trabalhos desses artistas, é interessante refletir em termos do olhar ocidental, por exemplo, o olhar científico, o olhar colonial, o olhar do turista, ou olhar masculino. O olhar frequentemente expressa atitudes sobre as quais o espectador pode não estar consciente, sejam elas de medos, ódios ou desejos projetados no outro. (BURKE, 2004, p.156)

Assim, um objeto ou uma imagem não são produzidos e apresentados sem que se tenha um objetivo que se pretenda atingir. Pode ser que ele possua uma dimensão restrita ou pode até chegar a representar um determinado processo histórico mais amplo, mas numa situação como na outra, está impregnado de idéias e valores. Portanto, se não há isenção nem neutralidade e sim uma diversidade de propósitos, entre eles o de quem confeccionou o objeto, este passa a expressar nele uma visão da realidade: do momento em que foi produzido revelando o propósito a

que se destinava, passando a refletir os valores da sua época ou período, representando, então, um determinado processo histórico, com intenções que atendem os interesses particulares ou de um seu grupo.

Entendemos que dos sentidos humanos, o olhar é o que mais se destaca nos juízos de valor que fazemos. E é a partir dele que se fundamenta o estereótipo que ao reproduzir algo que pode não ser totalmente falso mas certamente é exagerado em relação à realidade, pode tornar-se grosseiro e até mesmo violento.

Novamente, é muito pertinente a contribuição do professor Peter Burke:

Talvez seja por essa razão que os estereótipos muitas vezes tomam a forma de inversão da auto-imagem do espectador. Os estereótipos mais grosseiros estão baseados na simples pressuposição de que “nós” somos humanos ou civilizados, ao passo que “eles” [os outros] são pouco diferentes de animais como cães e porcos, aos quais eles são frequentemente comparados, (...) . Dessa forma, os outros são transformados no “Outro”. Eles são transformados em exóticos e distanciados do eu. e podem mesmo ser transformados em monstros. (BURKE, 2004, p.157)

Olhando para a África

Será que a imagem que temos da África têm algo a ver com o que acima foi exposto? Acreditamos que sim. Se não fosse assim, por que, em geral, a imagem que temos da África não está relacionada com a produção intelectual e/ou tecnológica? Por que ela tende para crianças famintas, conflitos tribais, instabilidade social e política, famílias miseráveis, povos doentes e em guerra, ou para paisagens de safáris e mulheres de cangas coloridas?

Acontece que a África é muito mais que isso, mesmo sem negar todos os problemas acima citados, comuns a muitos países, infelizmente. Seguindo esse raciocínio, podemos dizer que existem “outras Áfricas” por nós desconhecidas. Há uma tendência em falar da África como se todos que ali vivem tivessem os mesmos hábitos e tradições. Isso leva ao que afirma a professora Glória Moura, coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade de Brasília (UnB):

"(...) Essas idéias distorcidas desqualificam a cultura negra e acentuam o preconceito, do qual 45% de nossa população [brasileira] é vítima(...)."
(REVISTA NOVA ESCOLA, ed.187, nov. 2005)

Este pensamento encontra eco em nossa sociedade e contribui para a instalação do preconceito em relação aos africanos e seus descendentes. Esta postura revela nosso desconhecimento da cultura africana, que oferece elementos relacionados a todas as áreas do conhecimento.

Ao repudiarmos as manifestações de uma sociedade ou grupo humano, partindo de critérios e interesses pessoais, evidenciamos um posicionamento etnocêntrico que conceitualmente é a tendência que nos leva a subestimar, menosprezar ou até mesmo odiar condutas e costumes de culturas divergentes.

Nelson Mandela, ex-presidente da África do Sul, tem uma belíssima frase que representa muito bem este pensamento:

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender e se podem aprender a odiar podem ser ensinadas a amar.” (FONAPER, 2008)

Logo, se os seres humanos não nascem preconceituosos devemos, então, aceitar que o preconceito não é um fenômeno natural, instintivo ou inevitável. A classificação dos seres humanos, que infelizmente muitos aceitam, em raças superiores ou inferiores, não tem qualquer base científica. Não há justificativa para a divisão do mundo em nações brancas dominantes sobre pessoas de pele escura.

A transferência forçada de milhões de africanos escravizados para as Américas, foi exposta assim pela historiadora A.M. Arnaut Lopes,

“Aquele [os escravos africanos] a quem os direitos eram negados e dos deveres eram impostos.” (LOPES, 2005, p. 88),

A aquisição de escravos desde o século XV até o século XIX, para a consolidação dos impérios coloniais, sobretudo na África, provocou problemas de consciência no mundo cristão. Esse abalo foi aliviado graças às doutrinas racistas de fundo religioso e pseudocientífico, elaboradas neste período. O desejo de poder dos europeus levou a se apropriarem das idéias evolucionistas elaboradas por Charles Darwin que passaram a servir de suporte para teses racistas, que na época encontraram campo fértil para se desenvolverem. Isto muito colaborou para surgir um “olhar europeu” em relação a determinados grupos humanos.

Algumas teses apregoavam que esses povos, chamados de “primitivos”, eram ingênuos como as crianças, e seriam incapazes de se auto-governarem, necessitando da tutela dos colonizadores, europeus, é claro, passando, muitos a ter

uma visão preconceituosa em relação aos “não europeus”, especialmente os negros em vários lugares do mundo, inclusive no Brasil. Retratava-se o negro, via de regra, de forma animalizada, grotesca e caricatural, colocando assim, grande parte dos povos africanos, num estágio cultural e histórico correspondente aos ancestrais da Humanidade.

Resumindo: para os europeus não existiu uma África antes da chegada deles no continente africano! O sistema capitalista em expansão, neste período, muito contribuiu para a degeneração da imagem das sociedades africanas, de suas ciências, e de seus produtos, Portanto, esta atitude resulta de uma ação etnocêntrica das ciências e da visão econômica européia do século XIX!

Figura 2 O olhar europeu



Fonte: desenho da autora

o suficiente! Não evoluíram porque eram biologicamente inferiores, afirmavam ideólogos do racismo!. Não seria incorreto concluir que a tradição histórica ocidental obscurece a cultura negra africana, levando ideologicamente a fazer crer que apenas os povos brancos foram e são capazes de verdadeiras criações culturais.

Dentro desta visão, a Civilização Ocidental representa o estágio mais avançado do desenvolvimento humano. É nesse contexto que as culturas dos povos

Que leitura você faz da charge ao lado? Concorda que a mensagem que ela procura passar é de que o europeu não tinha a menor idéia de como se comunicar eficazmente com muitos povos do continente africano?

Para a cultura européia colonialista, os povos nativos das Américas e africanos se não possuíam formas de governo, ciência, tecnologia, literatura escrita, instituições políticas, religiosas, educacionais, militares e econômicas semelhantes às existentes na Europa, era porque não tinham evoluído o

dominados são retratadas como arcaicas, primitivas e estáticas, pouco contribuindo para o progresso humano.

Este posicionamento preconceituoso que muitos têm em relação à cultura material produzida pelas sociedades africanas está intimamente relacionado com a imagem que até hoje perdura da África, que até sua "descoberta" pelos europeus, estava num continente perdido na obscuridade, que se encontrava, em plena barbárie, numa luta primitiva entre Homem e Natureza.

A cultura das máscaras na sociedade humana

A presença das máscaras na humanidade é muito diversificada. Encontramos registros delas desde os primórdios da humanidade, em todos os continentes com variações inumeráveis. A atividade que segue, oportunizará a você perceber quão remota manifestação humana são as máscaras

Atividade

A presença das máscaras na humanidade é muito diversificada, encontramos registros delas desde os primórdios da humanidade, em todos os continentes com variações inumeráveis. A atividade proposta abaixo, oportunizará a você perceber quão remota manifestação humana são as máscaras.

Busque informações sobre a arte rupestre elaboradas pelos grupos humanos que não tinham ainda desenvolvido a escrita (denominada "pré-história"). Em muitos locais aparecem caçadores mascarados desenhados. Procure responder a seguinte questão: por que usavam máscaras?

Esses registros (desenhos), revelam que o ser humano tem emoções, sensações, como qualquer outro animal, mas que através da construção da sociedade humana aprendeu a controlar os seus instintos naturais. Esse processo de auto-conhecimento e auto-conhecimento denominamos Cultura.

Através dos tempos os grupos humanos, culturas e civilizações têm deixado suas marcas e pegadas do seu passar pela terra. Marcas de suas vivências e de sua criatividade vem dando forma a uma complexa diversidade de expressões artísticas, alegorias, ideogramas, imagens, signos e símbolos. As máscaras são um desses símbolos universais, cujo significado tem uma grande variedade e

complexidade, apresentando uma diversidade de técnicas artísticas espantosas: podendo ser esculpidas, modeladas, fundidas, pintadas, trançadas, tecidas e tantas outras que permitem, assim, identificar não só o artista, como o ateliê que foi produzido, até mesmo a aldeia, a região ou o reino ao qual pertence.

Para que você tenha idéia dessa diversidade, sugerimos a execução da seguinte atividade:

Atividade:

O (a) professor (a) deverá formar com os alunos 4 grupos. Cada grupo deverá buscar informações sobre a confecção, uso e funções das máscaras para os seguintes povos:

- 1) maias, astecas, incas e índios brasileiros;
- 2) egípcios, gregos e romanos;
- 3) tibetanos chineses e japoneses;
- 4) europeus da Idade Média e do Renascimento.

Cada grupo apresentará suas considerações para os colegas da sala e ao término delas, deverá elaborar uma narrativa histórica sobre os temas, evidenciando as semelhanças e diferenças entre as máscaras.

Ao término das apresentações, os grupos deverão elaborar cartazes, que serão afixados nas paredes da sala de aula ou nos corredores da escola.

As máscaras e suas linguagens

Se a confecção e uso das máscaras pelos seres humanos são evidências encontradas em todos os lugares do mundo, a diversidade encontrada – formas, traços, cores, e funções - mostra com clareza a complexidade dos grupos humanos e suas peculiaridades. Elas são representações da riqueza simbólica encerrada nos ritos, mitos, tradições, manifestações e celebrações festivas que, após superar e passar a prova do tempo, sobreviveram até nossos dias como símbolos universais.

O desenvolvimento da sociabilidade, o intercâmbio de informações, a colaboração e a designação de atividades específicas a cada membro do grupo desembocaram na necessidade que tem o homem de manifestar suas idéias utilizando muitos e diversos meios. Um deles é a arte: a expressão artística vai além do estabelecido pelas normas, rompendo com os moldes habituais através de elementos que se sobrepõem a elas. É neste contexto que encontramos os usos das

máscaras, um recurso imaginativo para a expressão dos sentimentos do ser humano que, através do pensamento simbólico e a linguagem descreve não somente o que vê, e se liberta para imaginar, inventar, descrever o real e o irreal

É praticamente consenso que, para se atingir a compreensão estética de uma obra de arte, seu significado, suas representações, é desejável conhecer sua razão de ser, qual o objetivo que o artista pretendia atingir e a utilização dos que se serviram delas. Sem esta compreensão ela fica, digamos, mutilada, empobrecida.

Diante dessa situação, surgem os artistas, que abrem espaço para nos dissociar da realidade, ainda que por breves momentos, e nos reaproximar das emoções humanas.

África antes dos europeus

As relações econômicas e sociais dos povos negros africanos tradicionais, antes do contato com os europeus, estavam baseadas em atividades que buscavam atender sua sobrevivência, as suas necessidades materiais e espirituais, variando de acordo com o meio ambiente em que viviam.

Eles tinham um sistema hierarquizado, estabelecido em obrigações e direitos, uma tecnologia que atendia seus interesses, fosse ela de subsistência. Algumas voltadas mais para a agricultura, outras para a caça e pesca, e não era raro que estas atividades fossem mescladas, ou, então, exerciam atividades comerciais. Todos os grupos africanos tinham um tipo de organização, fossem em pequenos agrupamentos, repúblicas ou reinos.

A reação dos europeus, ao se depararem com o imenso universo de tradições africanas, foi permeada de desdém. Relacionaram as religiões praticadas com magia e superstição, infantilizando-as como próprias de mentes não evoluídas, de povos em estado primitivo, de sociedades paradas no tempo.

Pensamento bem diferente nos revela a antropóloga Aracy Lopes da Silva:

todos os povos, apesar de suas diferenças nos modos de pensar, agir, viver, fazem uma única humanidade. Todo o homem, toda a humanidade se define como portadora e produtora de linguagem e cultura. (SILVA, 1995, p.317)

Os preconceitos vinculados à África podem, de uma maneira geral, ser explicados ou compreendidos pelo fato de o europeu ignorar que o que é chamado

de africano envolve uma grande diversidade de etnias e culturas, muito maior que a europeia. Contribuindo ainda mais para esta dificuldade de compreensão, os europeus se depararam com muitas sociedades em que as comunicações dos saberes se davam através da oralidade. A palavra oral, para elas, tinha tanto prestígio quanto a escrita para os europeus. Esta dificuldade foi mais um obstáculo para o entendimento entre culturas tão diversas.

Colonialismo europeu na África

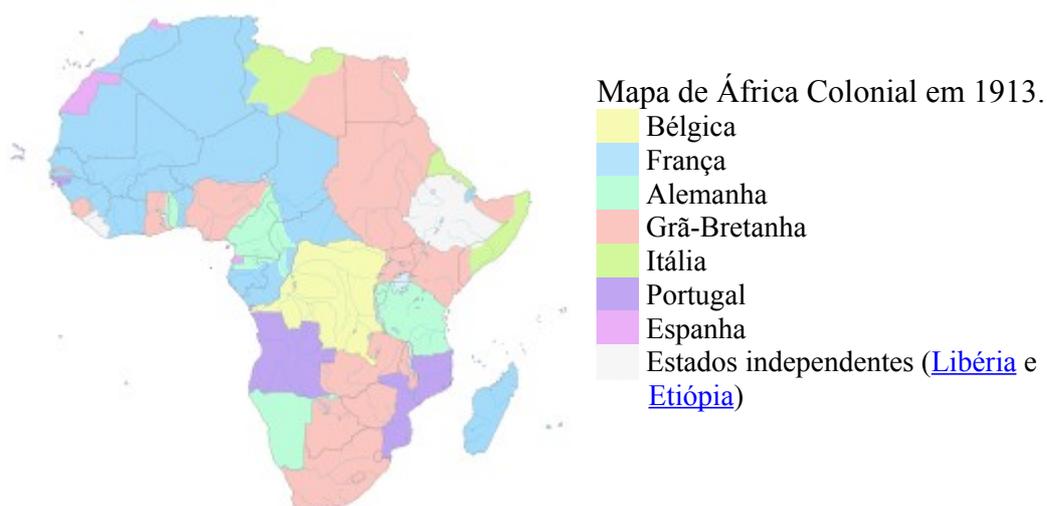
O colonialismo europeu na África não se fundamentou numa integração de culturas, mesmo porque esta nunca foi a sua proposta. A Europa colonialista justificava eticamente a escravidão pela “inferioridade” dos africanos. O imperialismo colonial, perpetrado no continente africano, é resultado da fase de desenvolvimento em que o capitalismo se encontrava, e era resultado de interesses diversos, preponderantemente econômicos e políticos, no continente africano. Atitude esta que vinha desde o século XV, período das grandes Navegações europeias, atingindo seu auge no século XIX.

Observe o mapa abaixo. Perceba a partir das legendas o grande número de países europeus que participaram da chamada “Partilha da África” e os imensos territórios sob os seus domínios, muitas vezes maiores que na Europa.

Figura 3 – Mapa dos domínios coloniais europeus no continente africano

A colonização recente da África

Mapa de África Colonial em 1913



Antes de continuarmos a explanação, acreditamos ser necessário que se estabeleça a diferença entre alguns conceitos que consideramos muito importante para você. Para isso, faça a atividade sugerida abaixo:

Atividade

O (a) professor (a) deverá formar com os alunos 4 grupos. Dois deles deverão buscar informações sobre o significado e as relações entre os seguintes conceitos historicamente construídos : “COLONIA”, “COLONIZAR” e “COLONIALISMO”.

Os outros dois deverão buscar informações sobre o significado e as relações entre os seguintes conceitos historicamente construídos: “ESTADO”, “NAÇÃO”, “RAÇA” E “ETNIA”.

Os grupos que buscarem informações comuns deverão se reunir e preparar suas considerações para apresentar para os colegas..

Sob a orientação/mediação do (a) professor (a) os alunos deverão perceber as relações desses conceitos com o colonialismo africano do século XIX.

Acreditamos que a atividade que você realizou deu a você subsídios para continuar acompanhando o texto.

O viés econômico e político implementado pelo colonialismo foi tão poderoso que passou a regrad todas as atividades dos povos colonizados para atender seus interesses, modificando substancialmente as relações sociais dos africanos que até então estavam em andamento, impondo um modelo europeu de pensar e agir e desconsiderando, por exemplo, os grandes impérios existentes como Gana, Kongo e Mali.

Figura 4 - A grande Mesquita de Tombuctu, no Mali

Ao lado, você pode apreciar a vista da entrada principal de uma mesquita na cidade de Tombuctu, no Mali, país da África Ocidental colonizado por franceses. É

possível qualificar de primitivo um povo que constrói uma edificação de grande porte como esta?

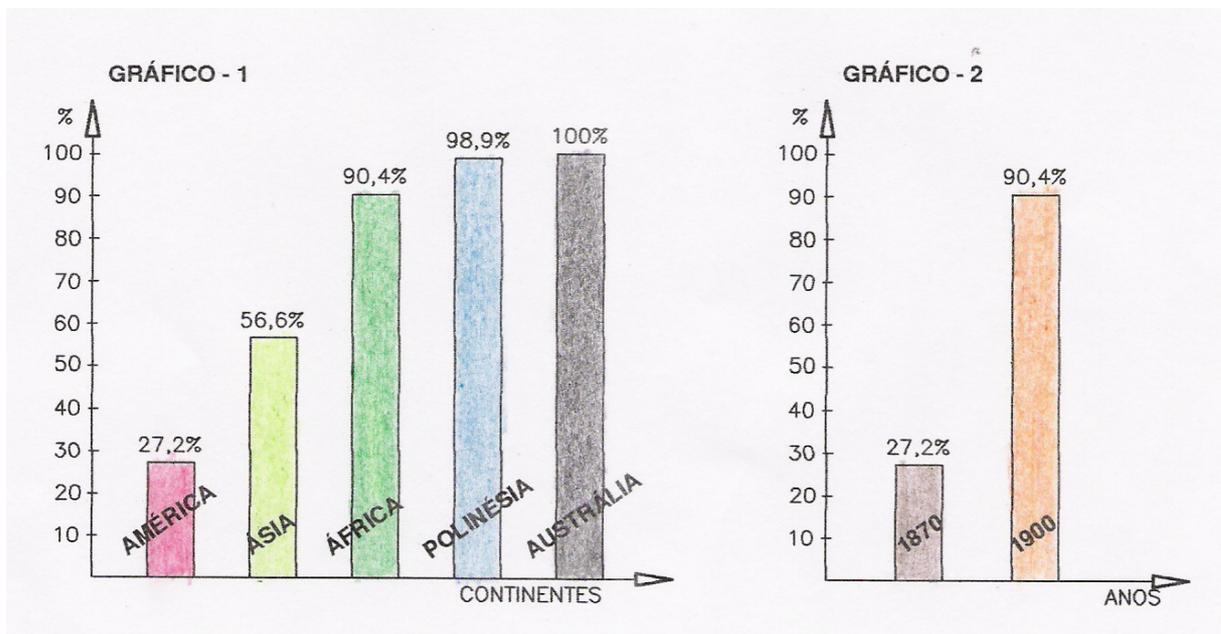
Fonte: www.google.com.br

A “ação civilizadora” empreendida pelos europeus no continente africano deve-se ao fato de que a classe dominante européia estava passando por uma grave crise e encontrou a justificativa que precisava para por em prática medidas a fim de se apropriar de novas terras e mercados para manter a sua “superioridade”. Então, a partir do final do século XIX e até pouco mais da metade do século XX, os governos europeus passaram a dividir e reagrupar as sociedades tradicionais africanas, transformando-as em colônias européias para atender apenas seus interesses, desconsiderando delimitações territoriais e culturais pré-estabelecidas pelos africanos.

Processos de independência das colônias européias na África

Para que você possa compreender concretamente a dimensão a que chegou o domínio colonial europeu no que diz respeito ao território, o gráfico da esquerda apresenta o domínio europeu no mundo e o da direita no continente africano.

Figura 5 e 6 – Domínio europeu no mundo



Fonte: SHMIDT, Mario. **Nova História Crítica: Moderna e Contemporânea**. São Paulo, Editora Nova Geração, 2ª edição, 2º grau, p. 167

Elaboração dos gráficos: a autora

Não se pode dizer que não tiveram sucesso em seus propósitos, não é mesmo? Mas, um regime alicerçado na exploração econômica e na dominação cultural e política não se sustenta para sempre.

Nas décadas de **1950 e 1960** deram-se os processos de independência das colônias africanas. Muitos dos limites territoriais estabelecidos na época colonial foram mantidos após a independência pelos governos empossados. Por isso, atualmente ainda muitos são os países que lutam com dificuldades, alguns deles procurando retornar às suas origens/tradições de antes da colonização europeia e dar prosseguimento às suas vidas, mesmo dentro do complexo quadro da globalização, imposto mundialmente que estamos vivenciando. Vêm daí as diversas lutas civis que acontecem no território africano e que assistimos pela televisão, também retratadas em filmes. Nesse contexto, a presença de ditadores é comum, reforçando a idéia de que os africanos são “povos que só sabem guerrear”, numa demonstração explícita de descarte ou desconhecimento de suas histórias.

Para que você amplie seus conhecimentos a respeito dos processos de independência que ocorreram no continente africano e perceba as graves e profundas cicatrizes deixadas pelo colonialismo europeu, propomos a atividade abaixo:

ATIVIDADE:

Os ditadores africanos do século XX são chamados de “criaturas do colonialismo”. Os alunos deverão formar 3 grupos sob a orientação do (a) professor (a) e cada um deverá buscar informações sobre JEAN-BÉDEL BOKASSA (República Centro-Africana Bangui), MOBUTU SESE SEKO (Zaire) e IDI AMIM DADA (Uganda) e suas relações com a máquina militar colonial europeia do século XIX.

Cada grupo deverá elaborar uma narrativa histórica e apresentar suas considerações em sala de aula. Deverão ser disponibilizados aos alunos todos os recursos tecnológicos disponíveis na escola para efeito de pesquisa e apresentação

Esses ditadores, com raras exceções, estavam - alguns ainda estão, atualmente - compactuados com potências estrangeiras. Trata-se da “**herança maldita**” deixada pela exploração europeia aos povos africanos, que esgotou seus minérios, florestas, degradou seu meio ambiente, alterou seu ecossistema, estabelecendo assim, uma ordem completamente diferente a sociedades com vivências seculares.

A primeira conferência envolvendo grande número de países que se constituiu para tratar do imperialismo e suas conseqüências foi a Conferência de

Bandung, ocorrida na Indonésia, em 1955. A atividade abaixo visa que você alargue seus conhecimentos sobre os efeitos do imperialismo em diversas partes do mundo. Vamos a ela?

Atividade

Solicitar aos alunos que tragam para a próxima aula informações sobre a Conferência de Bandung.

Em sala, leia com os alunos o trecho abaixo, dessa Conferência (1955):

“Conferência toma nota do fato que a existência do colonialismo em numerosas regiões da Ásia e África, qualquer que seja sua forma, impede a cooperação cultural assim como o desenvolvimento das culturas nacionais. (...) A Conferência considera que tal política equivale a um desafio dos direitos fundamentais do homem (...) e impede a cooperação cultural no plano internacional.”

Esclareça à turma o que foi a Conferência de Bandung, dos países não alinhados aos blocos americano e soviético, e proponha as seguintes questões para discussão:

- quais os principais objetivos dos países afro-asiáticos expressos no trecho?
- o que o documento repudia com relação às potências?
- quais as dificuldades de se (re)construir um país recém-saído do colonialismo, da opressão racial e da exclusão política, em um continente marcado pela exploração secular?

Após a discussão os alunos devem produzir uma narrativa histórica sobre as argumentações ocorridas em sala de aula.

(Adaptada de VEJA na Sala de Aula – 19 de maio, 1999, p. 2e3. “A Vida Após Mandela”, págs. 60 e 61 de VEJA de 19.05.99)

As conseqüências das chagas deixadas pelo colonialismo europeu na África podem ser percebidas até os dias de hoje. Levas de africanos tentam chegar à Europa pelo Mar Mediterrâneo. As raízes desses movimentos migratórios estão no colonialismo. Para que você entenda melhor esses deslocamentos humanos propomos a atividade que se segue:

Atividade

Solicitar aos alunos que tragam para a próxima aula informações sobre as migrações africanas contemporâneas.

Divida a turma em grupos e encarregue-os de analisar o material.

Devem responder a seguinte questão:

- Qual a relação dessas migrações com o colonialismo europeu que ocorreu no continente africano no século XIX?
 - Os grupos devem debater suas considerações, com a mediação do(a) professor(a).
- Após o debate, cada grupo deve registrar por escrito as suas considerações sobre o tema debatido e entregar ao (a) professor (a).

A arte africana frente aos novos tempos

Esse “equivoco” na valoração do africano por parte da sociedade europeia, alcançou também o campo da arte. O reconhecimento dos valores artísticos das obras africanas pelos artistas europeus, se deu no máximo, através da imitação, sempre sob a ótica do olhar europeu o qual pareceu buscar na arte africana o fantástico ou algo com uma função decorativa, e não uma obra de arte que deve ser apreciada como um trabalho artístico.

De acordo com a historiadora Dilma de Melo e Silva:

No século XIX, a Europa é inundada com objetos de origem africana: as expedições científica e etnográficas dirigem-se ao continente africano e trazem consigo centenas e milhares de objetos que formam os acervos dos Museus da Europa: joalheria, esculturas, máscaras, suportes, placas, portas, frontões, etc. Em 1897, uma expedição punitiva da Marinha Inglesa vai ao Benin, destrói a comunidade e carrega como despojo de guerra toda a produção plástica encontrada. Num único carregamento é levado mais de duas mil peças, provocando uma ruptura na produção local, que fica despojada de suas matrizes.” (SILVA, 1997, p. 45)

Figura 7 – Máscara de Benin



Fonte: www.google.com.br

A máscara ao lado é uma belíssima representação da arte africana, com seus traços fortes realçados e presença imponente.

Essas culturas africanas são categorizadas como “exóticas” pelos colonizadores que se sentem, assim, licenciados para promover um saque cultural neste continente sem nenhum constrangimento. O resgate dessa herança é complicadíssimo. Alguns danos mostram-se irreparáveis, não conseguindo classificá-las - não se conhece seu lugar de origem e nem sua função - fatores importantes para a análise de uma obra. A arte

africana é funcional e não pode ser entendida senão com base no estudo da comunidade que a produziu e de suas crenças religiosas.

Hoje, forçosamente, os especialistas em arte africana se vêem obrigados a estudá-la nos museus da Europa, introduzidas na maioria por viajantes, missionários e pelos administradores coloniais que muito lucraram com este comércio. Para eles, são considerados inimigos da arte africana grande número de influentes negociantes, colecionadores, *marchands* de arte e museus europeus que

fizeram sair clandestinamente do continente africano máscaras, estatuetas e outros objetos. São tidos como usurpadores não só do objeto mas também de história africana. Comprometeu-se, assim, sua origem, por exemplo: a que clã ou aldeia africana pertenceria àquela obra? Isso provocou uma reação por parte dos africanos, que hoje, exigem que se evoque em qualquer exposição o real papel das estatuetas e máscaras nas cerimônias de culto ou ritos na sua terra de origem. Para eles, sem esse contexto, elas perdem o seu valor estético. Este posicionamento denuncia a intensidade da pilhagem e a violação das tradições africanas pelo Ocidente

Diferentemente do Ocidente, a arte africana, seja ela expressa na forma de uma estátua ou de máscara, não é exposta em vitrines, nem mesmo em conjunto ou em separado, como são apresentados esses objetos nos museus do Ocidente. Em que pese, hoje, muitos objetos africanos tradicionais estarem envolvidos com o mercado turístico, impulsionado pela curiosidade e pelo exotismo. Para atender esta demanda, muitos artesãos passaram a expor suas produções aos moldes europeus.

A expressão "arte africana" foi um reducionismo inventado pelos europeus, e está cristalizada tanto na sociedade européia como na brasileira. Ela envolve toda a produção material dos africanos, desconsiderando-se quando e como foi produzida, se antes ou durante o período de colonização, ou se no século XX. Diferentemente da européia, a arte africana não pode ser enquadrada num determinado movimento artístico. As análises que o Ocidente faz sobre as artes plásticas não se aplicam à produção material africana. Ela tem uma conexão com o Sagrado, está ligada às forças da Natureza e do Universo, concentra significados desde o material que é constituída até sua função principal.

A melhor maneira encontrada pelos colonialistas para viabilizar seu projeto de conquista foi o aniquilamento dos deuses africanos, atingindo assim o mais importante elemento de constituição das sociedades tradicionais africanas: a religião. Iniciaram a dominação com a destruição das suas máscaras e estatuetas, pois eram tidas por eles como um elo entre o mundo material (humano) e o espiritual (divino). Mas ressaltamos, novamente, que esta destruição foi seletiva, pois algumas eram "salvas" e, como verdadeiros troféus, levadas para serem expostas nos museus da Europa, desconsiderando que seu significado tem uma grande variedade e complexidade.

Máscaras africanas: materiais, confecção, funções e representações

As máscaras são protagonistas constantes na arte africana. Só que ela não é uma arte contemplativa. Possui função concreta, objetiva, tanto para os objetos de uso cotidiano, como tigelas e banquinhos, quanto àqueles produzidos para cerimônias especiais, como estátuas e máscaras.

Num sentido amplo, as máscaras desencadeiam sentimentos e sensações muito diversas, pois são enigmáticas e chegam a causar inquietação em certas circunstâncias. Representam situações trágicas ou cômicas, podem assustar ou ter formas delicadas e singelas.

Enfim, as máscaras compõem um extraordinário acessório de formas e funções múltiplas, cujas origens remetem a tempos imemoriais. Podem ter formas simples ou complexas, ser articuladas ou estáticas, antropomorfas (com formas humanas) ou zoomorfas (com formas de animais) ou mesmo híbridas, confeccionadas a partir de folhas, cascas, ramos vegetais, tecido, pele, couro, marfim, bronze, terracota, madeira, conchas, ouro, prata ou outros metais, esculpidas em pedra ou cozidas em cerâmica, moldadas em papel, ou qualquer outro material. Independente do material utilizado, as máscaras são artefatos representativos que espelham as sociedades que as elaboram.

Abaixo, máscaras zoomorfas, elas são da região de Burbina Faso, África Central. Dentro de suas várias funções está associada às cerimônias de agradecimento pela nova safra e ser utilizada em rituais de iniciação e funerais.

Figura 8 - Búfalo



Fonte: www.google.com.br

Figura 9 - Plaque



Fonte: www.google.com.br

Dentre as matérias primas utilizadas na elaboração das máscaras, a madeira é a preferida. A mais comum, é a madeira preta, de ébano, chamada de *mpingo* cuja dureza, durabilidade e cor fazem dela perfeita para esculpir.

Figura 10 – Máscaras de ébano



Fonte: www.google.com.br

Ao lado, um par de máscaras de ébano. Data aproximadamente entre 50 e 60 anos e é de origem desconhecida.

Existe a crença por parte dos artífices de que as árvores possuem uma alma, um espírito. A madeira seria, então, interpretada como um

receptáculo espiritual. Parte dessa essência passaria para a máscara, conferindo ao seu portador alguma espécie de poder.

Cabe ressaltar que a escolha do material não é aleatória, nem sempre recaindo sobre materiais existentes em abundância no meio ambiente. Ele deverá ter um valor simbólico: máscaras ou estátuas só podiam ser esculpidas em madeira de determinadas árvores, adornos de determinadas fibras e sementes, ou dentes e peles de determinados animais. Não se pode esquecer que as formas dos objetos, a posição, o tamanho, as cores utilizadas variam de uma sociedade para outra.

As máscaras africanas podem estar associadas a ritos agrários - para que não faltasse a caça, para que a terra fosse fértil e produzisse abundantes colheitas - ao benefício da cura de doentes da comunidade, a rituais de casamentos, nascimentos, à iniciação de jovens, a danças de fecundidade e a cerimônias fúnebres.

Figura 11 – Borboleta



Fonte: www.google.com.br

Ao lado, máscara zoomorfa originária também de Burkina Faso, África Central. Tem muitas atribuições, com destaque para o desejo de chuvas, portanto, é utilizada antes do plantio de sementes. Ao esculpi-las, o artista objetivava exibi-las, tendo um significado totalmente diferenciado das máscaras ocidentais,

confeccionadas para fins estéticos e/ou decorativos.

Podemos dizer que cada máscara tem a sua própria história e originalidade. Normalmente, em muitas regiões da África, a decisão para a confecção de uma máscara parte de uma comissão que, dentro de um ritual com conotação sagrada, decide quem a fará e que tipo de madeira será utilizada. A máscara nova que irá surgir será uma expressão das habilidades do artista, expondo, traduzindo ou evidenciando a tradição daquele grupo e a ligação que ele tem com o mundo espiritual.

O escolhido, segundo essas tradições, entra na floresta e é guiado espiritualmente para a árvore tida como perfeita. É feito nela um corte e a partir dele homem e árvore passam a ser uma coisa só. A máscara passa a ser elaborada

ainda na madeira viva, a partir de um esboço básico. Ela pode ser acabada posteriormente numa oficina, ou num lugar secreto na floresta mas não deve ser vista por mais ninguém até que todo o processo tenha sido concluído e venha a ser habitada pelo espírito para a qual foi destinada: um antepassado ou um animal. Portanto, a máscara tem vida. Após representar seu papel nestas ocasiões, ela é cuidadosamente guardada até que em nova ocasião seja usada. Caso ela não seja utilizada perde seu poder porque o espírito poderá sair se for chamado a um outro trabalho útil. Assim, pode-se dizer que um africano nativo visitando um museu europeu diria que as máscaras ali expostas estão sem função e que elas teriam perdido seu poder porque estão desligadas do mundo espiritual e que os espíritos que nela habitavam tinham retornado a ele.

Esse uso é muito diferente das máscaras confeccionadas para o Carnaval. Essas não têm relação alguma com as máscaras africanas. As africanas são elaboradas para situações muito especiais, como as acima citadas. Excluindo essas circunstâncias, elas perdem em significado e valor.

Para se ter uma idéia do poder de representatividade que as máscaras têm para maioria dos povos africanos, na República Democrática do Congo, uma máscara foi esculpida e utilizada nos funerais de um velho. Foi confeccionada com uma barba comprida. - barba comprida é símbolo de sabedoria para muitos povos. O homem que a usou durante as danças fúnebres passou a exteriorizar a presença do falecido, fazendo com que dessa maneira seus familiares se sentissem mais confortados.

Em outros rituais fúnebres, a máscara capta a força vital que escapa da pessoa que morreu. Para controlar esta energia e evitar danos à comunidade, a pessoa que carrega a máscara passa a distribuir essa força vital em benefício de toda a coletividade através da dança. No momento da dança, a máscara protege quem a carrega e a pessoa se converte durante este tempo em outro ser. Para este ritual, o portador da máscara deve se vestir de forma que não seja reconhecido. Ao contrário dos europeus, para quem o coração simboliza a vida, máscara faz parte da vestimenta e cobre a parte mais importante do corpo, a cabeça, onde se encontra, para os africanos, a força vital.

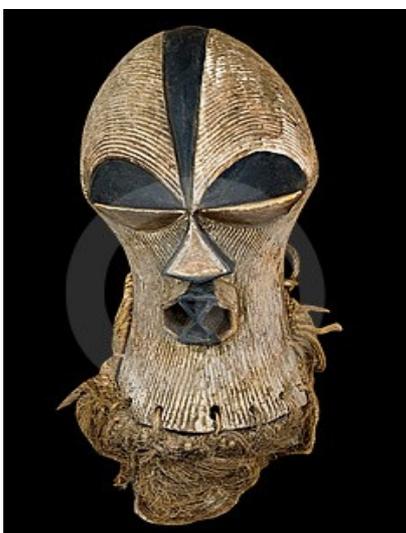
Outra situação, que também revela os profundos laços de muitos povos africanos com o mundo natural, é quando um participante de um determinado ritual sustenta na cabeça, cobrindo-a completamente, uma grande máscara com feições

de animais. Elas podem representar leões, leopardos, hienas ,pássaros, babuínos e muitos outros. Esses animais passam a significar o caos em que o universo se encontrava antes de sua formação. O indivíduo que porta essas máscaras aterroriza com as suas danças as pessoas da aldeia e com isto consegue afastar os espíritos maléficos, tornando puro o ambiente.

Em outros lugares da África, as máscaras só podem ser produzidas com autorização do chefe religioso e por um escultor iniciado em magia, que antes se submete a um rito de purificação, com reza aos espíritos ancestrais e às forças divinas. Tal prática faz com que a força divina se transfira para a máscara durante o processo de manufatura. Nem todas as madeiras podem ser utilizadas em razão das qualidades negativas atribuídas a determinadas árvores, nas quais habitam os espíritos malignos, o que comprometeria a eficácia da máscara. Essas crenças chegaram ao Brasil através dos escravos, e serviram para garantir a adaptação deles à nova terra.

Para outros grupos étnicos africanos, o material mais utilizado é a madeira verde. Antes de começar o entalhe, o artesão realiza uma série de rituais no bosque, onde normalmente desenvolve seu trabalho. Longe da aldeia e usando ele próprio uma máscara no rosto para não contaminar o ambiente, usa como instrumento apenas uma faca afiada. A máscara passa a ser criada com total liberdade, dispensando esboço, e o artesão concentrando-se apenas na função que deve desempenhar.

Figura 12 – Máscara africana antiga



As máscaras africanas não traduzem a emoção do indivíduo que a usa, mas primam pela intensa expressividade estética, como esta ao lado, confeccionada com materiais variados, originária do Zimbábue, país localizado ao sul do continente africano fazendo divisa territorial com a África do Sul.

Os colonizadores demoraram muito para valorizar essas peças, vistas apenas como curiosidade de um povo primitivo e infiel. Somente quase no final do século XIX, alguns pesquisadores

mudaram de atitude e passaram a tratar a produção artística africana de fato como arte, ainda que pela concepção européia.

O reconhecimento da arte africana pelos europeus

Nos anos iniciais do século XX pode-se dizer que a arte africana foi “descoberta”. Chamada até então de “primitiva” no sentido depreciativo, passa a ter o papel de estimulante, como uma fragrância que trazia o frescor, energia e revitalidade à arte européia, que na visão de muitos artistas europeus tanto necessitava. Começa, assim, a ser reconhecida por seus valores artísticos.

O contato do pintor espanhol Pablo Picasso (1881-1973) com a arte africana, especialmente as máscaras, se deu em 1905. Ele percebeu de imediato sua importância, não as considerando apenas peças esculpidas, mas dotadas de certa magia.

Dentre as suas obras, o quadro *Les Femmes d'Alger (O Grande Baie)* (1907) é com certeza um excelente exemplo, pois representa muito bem a influência africana vivida por Picasso.

Figura 13 – Máscara africana e ao lado detalhe da tela *Demoiselles d'Avignon*



Ao lado, à esquerda uma máscara africana (sem nome e origem) e à direita detalhe de uma das mulheres da tela *Demoiselles d'Avignon*. A tela inteira pode ser visualizada logo abaixo, perceba os ângulos dos rostos, os olhos grandes e sinuosos.

Fonte: www.google.com.br

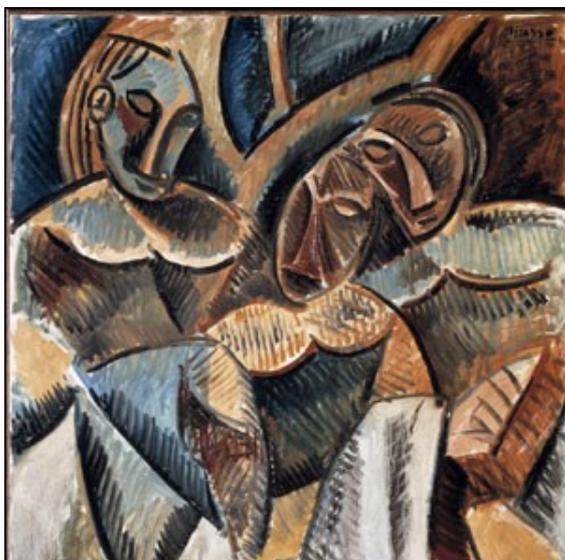
Figura 14 – Tela *Demoiselles d'Avignon*" – Pablo Picasso (1907)



Deve-se muito a Picasso, essa mudança de mentalidade (olhar, rumo) , pois após a sua “contaminação” elas passaram a ser vistas com alto valor estético. Dos muitos artistas europeus que sentiram-se atraídos pela arte africana, Pablo Picasso foi o que mais se aproximou de sua essência. Absorveu-a como nenhum outro, e pode-se dizer que foi o que mais logrou sucesso ao sintetizá-la. Quadro *Demoiselles d'Avignon* de Picasso, óleo sobre tela, 243,9 x 233,7 cm, 1907) .

Fonte: www.google.com.br

Figura 15 – Tela *“Três figuras sob uma árvore”* – Picasso – 1907



Aqui, mais outro quadro de Picasso, também contribui enormemente para perceber o quanto da influência da arte africana esteve representada em muitas de suas obra.

Perceba as formas de máscaras africanas no formato dos rostos angulosos, nos narizes são alongados e nas faces côncavas.

Fonte: www.google.com.br

Figura 16 – Auto-retrato – Picasso 1906

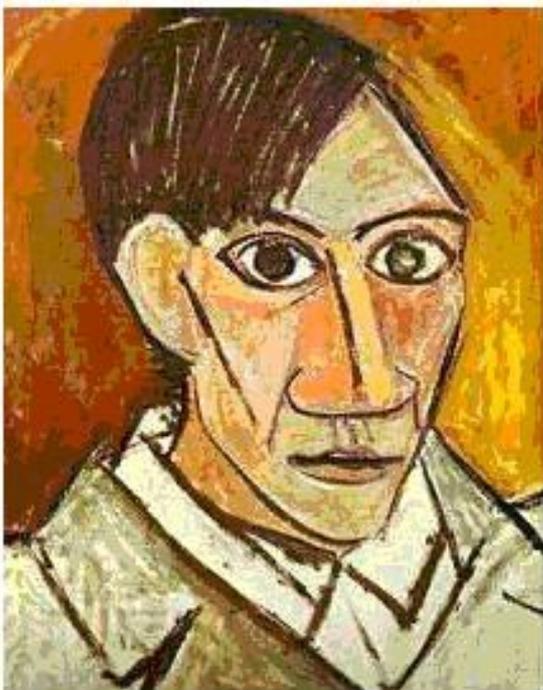


Ao lado, tela intitulada como “Auto-retrato”, de 1906 e abaixo, à esquerda, outra tela de 1907, que também recebeu o título “Auto-retrato”, ambas de Picasso. Ao lado daquela colocamos uma máscara africana de origem, infelizmente, desconhecida, como tantas outras.. Claramente é possível perceber os traços africanos na tela pintada por Picasso.

Acreditamos que agora você já tem elementos suficiente para rapidamente perceber a influência da arte africana nelas, não é mesmo? Nas duas tem-se rosto

Fonte: www.google.com.br

anguloso, olhos grandes e expressivos, nariz largo e lábios grossos.



**Figura 17
Auto
retrato
Picasso**

**Figura 18
Máscara
Africana**



–

1907

–

Fonte: www.google.com.br

Fonte: www.google.com.br

Como dissemos acima, Picasso não foi o único artista europeu a se render aos encantos da arte africana. Amplie seus conhecimentos e faça a atividade abaixo:

Atividade

Não apenas o artista espanhol Pablo Picasso sofreu influência da arte africana, . Os pintores franceses Braque, Cézanne e Calder também. Na Itália, destacou-se Amedeo Modigliani. Levante informações sobre a biografia deles e descubra em algumas de suas obras a influência da arte africana.

Mas é claro, que esse deslumbramento não foi unânime. Alguns críticos das máscaras africanas argumentam que grandes setores da arte africana, incluindo aí as máscaras, são destinados à exaltação do soberano, com a intenção deliberada de enaltecer o seu prestígio. Devemos considerar que o soberano, chefe ou rei, está vinculado a uma essência divina na cultura africana e, assim, as máscaras passam a ser obras religiosas, com inúmeras implicações de ordem moral e social. Através dela podemos perceber o nível de coesão e as hierarquias sociais, o suporte que é dado pelas leis tradicionais e quais os instrumentos de repressão postos em prática aos comportamentos que são reconhecidos pela comunidade como reprováveis.

Se no passado era prática generalizada, o uso de máscaras rituais teve um enorme declínio nas últimas décadas. No entanto, a manufatura e o emprego desses objetos continuam sendo fundamentais na identidade de vários grupos étnicos

africanos, existindo pessoas que trabalham pela preservação deste hábito milenar. Na nossa visão não importa se o artista africano criador estava a serviço de um soberano. Vários artistas europeus, classificados como gênios, estiveram a serviço dos mecenas (burgueses e clérigos) na época do Renascimento, como Leonardo da Vinci e Miguel Ângelo. Se a autonomia deles era limitada pelos interesses de seus protetores/financiadores, isto não influenciou o valor artístico de suas obras, que é reconhecidamente imenso.

Conclusão

Ao entendermos como somos apresentados à cultura africana e o olhar que temos em relação à África em si e aos seus descendentes, podemos compreender melhor a história africana e a sociedade brasileira e nos remeter ao um novo e desejável paradigma cultural: que se encaminhe para a compreensão da cultura dos povos africanos desprovidos de estranhamentos e preconceitos

Precisamos entender que os africanos têm uma História que não surgiu nos navios negreiros. É necessário abandonar de vez a África exótica, selvagem e não civilizada, concepção ainda veiculada em alguns meios de comunicação de massa, que remetem a uma África inóspita e à visões pitorescas e degradantes sobre os negros africanos. Neste olhar temos uma carga de etnocentrismo que se fundamenta na produção de imagens preconceituosas sobre a África.

Acompanhe um exemplo de “olhares”, muito interessante: o meio ambiente, os astros e planetas, exercem influência sobre a Terra e sobre a nossa vida. Enquanto os europeus no século XIX queriam dominar indiscriminadamente a Terra, os africanos reconheciam a importância da natureza, pois tinham consciência de que ela fazia parte de um ecossistema necessário à sua sobrevivência. Então, as preces e orações feitas a uma árvore, antes de ser derrubada, eram uma atitude simbólica de respeito à existência daquela árvore, e não a manifestação de uma crença de que ela tinha um espírito como dos humanos, como entendiam os europeus;

As diversas sociedades africanas encontraram-se inseridas historicamente em complexos culturais muito antigos, preservando valores enraizados na tradição. Suas produções espirituais e materiais estão diretamente relacionadas com a sua história e com o meio ambiente onde vivem, fato de difícil compreensão para a mentalidade européia. As divergências entre algumas sociedades negras africanas

tradicionais e a mentalidade ocidental européia podem ser exemplificadas por como algumas delas entendem o que é um indivíduo: o africano dessas comunidades só se considera vivo se ele tem um ascendente (é filho, neto de alguém), e quem vai garantir sua existência e a memória de sua vida é o seu descendente (seu futuro filho e neto). Assim, a noção de morte para estas sociedades está concreta e basicamente vinculada à vida. Morrer, para eles significa não deixar descendentes. Sem eles, a geração familiar acaba. Entender a vida e a morte não são somente questões biológicas, mas fundamentalmente sociais. O indivíduo percebe-se numa visão totalizante (tempo, espaço ou lugar no mundo, no seu cotidiano, na sua atividade produtiva, no seu lazer), sempre conectado à sociedade que está inserido vinculado à natureza e à espiritualidade, ao Sagrado e ao Profano.

A existência, para alguns povos africanos, vai além da produção econômica. Eles têm consciência da sua periodicidade e sua finitude neste mundo. Não menosprezam nenhum estado de tempo: o passado está vinculado ao futuro, mas passa pelo presente e o ser humano é visto como consequência de seu ato no passado. O futuro dele e do seu grupo, depende de suas ações no presente. Esta visão dinâmica de mundo faz cair por terra a visão preconceituosa e estereotipada dos europeus, que passaram a disseminar a idéia que os povos africanos não teriam História. Ora, se existe uma preocupação em ordenar o presente é porque existe uma preocupação com o futuro, e isto não é uma visão estática de mundo. Está inserida aí uma perspectiva de mudança, uma consciência de que a vida é dinâmica em todos os sentidos e que são determinadas pelas sucessões de gerações.

É inaceitável admitir a idéia de primitivismo tanto na história como na produção material dos povos africanos. Quando nos referimos à África, devemos visualizar que o continente africano é imenso, com centenas de grupos étnicos ou sociedades, e a esses não cabe a denominação de tribos, pois o sistema de parentesco não é a única forma de organização, e ali existe uma grande diversidade e complexidade na composição dos grupos culturais. Se no presente a maioria das sociedades africanas pode ser denominada de “moderna”, isto não implica em entender que no passado elas não tinham organização alguma.

Para Ana Lúcia Lopes, coordenadora do Núcleo de Educação do Museu Afro-Brasil, em São Paulo, o desafio é não resvalar no preconceito nem cair no encantamento do exótico:

"(...) Como a cultura dos povos africanos é pouco conhecida para nós, fica fácil se deslumbrar com o diferente e esquecer de dar valor às culturas africanas em sua essência.(...)"

(REVISTA NOVA ESCOLA, 2005, Ed. Abril, ed. 187, p. 42-49)

Para isso, torna-se necessário o reconhecimento de que a produção artística africana permanece como tal, como obra de arte na conceituação européia, mesmo que tenha sido retirada de seu contexto original. As máscaras ainda dominam o inconsciente africano e os artistas continuam a esculpir estatuetas e máscaras apesar do que sofreram. Eles não tem, evidentemente, as mesmas inspirações dos seus antepassados. Defender isso, parece óbvio, mas é defender uma África mutável, com transformações inevitáveis, e não manter no Ocidente a definição do que é arte e que só lá é que ocorrem mudanças.

É nessa perspectiva de futuro, de mudança, de abertura aos novos tempos, que as máscaras e estatuetas se inserem. Reconheceremos, assim, o real valor ao que é africano e autêntico, independentemente de se agrada aos olhares estrangeiros ou não.

Há uma canção popular intitulada "Baninde" que traduzida significa " estar disposto a dizer não à opressão e a recusá-la completamente e também desafiar o opressor". É cantada para incitar os jovens a resistir à injustiça fazendo o mesmo que os seus antepassados, e objetiva fazer do mundo um lugar melhor. Repete-se o refrão "Ban ye dunya la dyala" ("**A resistência traz alegria ao mundo**"), e citam-se nomes dos heróis africanos cuja resistência fez com que a vida na África mudasse para melhor. Enxergar o continente africano como um entrelaçamento de culturas, resultados de diversos processos históricos, identidades complexas e muitas vezes contraditórias, é vê-lo como qualquer outro continente.

A guisa de considerações finais, a arte que se expressa nas máscaras africanas é de um rico conjunto de significados que parece estranho para o racionalismo que encontramos no mundo ocidental, que coloca a ciência e tecnologia na condição de "semi-deuses". A única alternativa que vemos é fazermos uma revisão de nossos valores, o que deverá saudavelmente nos levar a uma visão não excludente dos povos do continente africano. A partir desse entendimento, poderemos ir mais além e entender melhor a nós mesmos e a sociedade brasileira

e nos remeter ao um novo e desejável paradigma cultural, que se encaminhe para a compreensão desses povos desprovidos de estranhamentos e preconceitos.

Filmografia sugerida:

HOTEL RUANDA, drama, 121 minutos, 2004. Recomendado para maiores de 14 anos.

DIAMANTE DE SANGUE, drama, 141 minutos, 2006. Recomendado para maiores de 16 anos.

Referências das imagens:

Figura 1 - Soleil - página 1

<http://afrobrasileira.multiply.com/photos/album>

Figura 2 – O olhar europeu - página 5

SANTOS, Joel Rufino dos. **Histórias: antiga e medieval** São Paulo, FTD, 1997 7ª série, p. 137

Figura 3 - Mapa - página 9

http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_coloniza%C3%A7%C3%A3o_de_%C3%81frica#A_coloniza.C3.A7.C3.A3o_recente_da_.C3.81frica

Figura 4 - Tombuctu - página 10

travel.nationalgeographic.com/places/photos/p...

Figura 7 – Benin - página 14

<http://clubforyou.mackenzie.com.br/pho/view.asp?cid=d1200003&iid=9&num=270&pg=1>

Figura 8 – Búfalo - página 16

<http://afrobrasileira.multiply.com/photos/album>

Figura 9 – Plaque - página 16

<http://afrobrasileira.multiply.com/photos/album>

Figura 10 – Ébano - página 16

<http://www.todocoleccion.net/preciosa-pareja-mascaras-africanas-ebano~x3854203#descrip>

Figura 11 – Borboleta - página 17

<http://afrobrasileira.multiply.com/photos/album>

Figura 12 – Máscara africana antiga - página 19

<http://pt.dreamstime.com/m%C3%A1scara-africana-antiga-image2123315>

Figura 13 – Detalhe Tela Picasso - página 20

<http://photos1.blogger.com/blogger/621/2203/1600/Arte%20africana-Picasso.jpg>

Figura 14 – Tela Picasso - página 21

<http://photos1.blogger.com/blogger/621/2203/1600/Arte%20africana-Picasso-%20demoisellesdavignon.8.jpg>

Figura 15 – Tela Picasso – página 21

<http://miltontoshiba.blogspot.com/2006/02/picasso-e-frica.html>

Figura 16 – Tela Picasso - página 22

http://www.girafamania.com.br/artistas/personalidade_picasso.html

Figura 17 – Tela Picasso – página 22

http://www.girafamania.com.br/artistas/personalidade_picasso.html

Figura 18 – Tela Picasso – página 22

<http://www.africaclub.com/ant1016.htm>

REFERÊNCIA

AGUIAR, Rodrigo. **Máscaras Africanas**. In:

www.caminhosancestrais.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=37&Itemid=37. Acesso em 2 de março de 2008.

ALBANESE, João. **Audácia**: a tua revista eletrônica. Destaques/Janela Cultural / Fevereiro 1998. Máscaras africanas

www.audacia.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EEulkAZuAVbjUINttO. Acesso em 2 de março de 2008.

ARAEEN, Rasheed. **Das Esquinas do Olhar**. ArtAfrica. Centro de Estudos Comparatistas. Faculdade de letras. Universidade de Lisboa. A Arte da Resistência Africana. www.artafrica.info/html/artigo trimestre/artigo.php?id=6 . Acesso em 28 de fevereiro de 2008.

Arte nos Séculos. Abril Cultural – Editor Victor Civita 1970 São Paulo. A descoberta da arte negra africana páginas 885 a 1016

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru, SP:EDUSC, 2004 p. 153 a 173.

DAMASCENO, Janaína. **Revertendo Imagens Estereotipadas**. Banco de textos – Casa das Áfricas. Com Ciência – Revista Eletrônica de Jornalismo Científico. In: www.casadasafricas.org.br/site/index.php?id=banco_de_textos&sub=01&id_texto=274 . Acesso em 5 de março de 2008.

DIAS, José António Fernandes. **Onde, o quê, quem, quando:** Algumas notas sobre o conceptualismo. Artafrika. Centro de Estudos Comparatistas. Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa. A Arte da Resistência Africana. In: www.artafrica.info/html/artigotrimestre/artigo.php?id=6. Acesso em 25 de março de 2008.

DIAWARA, Manthia. **Arte africana e autenticidade: um texto sem sombra.** Artafrika. Centro de Estudos Comparatistas. Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa. A Arte da Resistência Africana. In: www.artafrica.info/html/artigotrimestre/artigo.php?id=6. Acesso em 25 de março de 2008.

DIRETRIZES CURRICULARES DA REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESTADO DO PARANÁ DE HISTÓRIA. Curitiba SEED, 2006

ELIAS, Roger. **Elementos para uma abordagem em sala de aula sobre a história do negro no Brasil.** In: www.grubas.com.br/datafiles/publicacoes/bolandoAulaHistoria. Acesso em 2 de abril de 2008.

ENWEZOR, Okwui. **Arte Africana Moderna.** Artafrika. Centro de Estudos Comparatistas. Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa. A Arte da Resistência Africana. In: www.artafrica.info/html/artigotrimestre/artigo.php?id=6. Acesso em 25 de março de 2008.

FAITAMIN, Paulo. **Visão:** do fisiologismo à intencionalidade! AQUINATE Revista Eletrônica de Estudos Tomistas. www.aquinate.net. Acesso em 14 de abril de 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2ª ed 1998

FREITAS, Newton. **A mitologia africana.** In: www.newton.freitas.nom.br/artigos.asp?cod=160A. Acesso em 15 de abril de 2008.

GIANNINI, Danielle. In: www.lugaresdomundo.com/mascaras_0803.htm. Pesquisa e texto: Danielle Giannini. Acesso em 14 de maio de 2008.

JUSTINO, Maria José. A admirável complexidade da arte. In: CORREA, CORDI, SANTOS et al. **Para filosofar.** 4.ed. Scipione, 2000. p.250-289

KASFIR, Sidney. **Modernidade, Modernismo e o Lugar da África na História da Arte da Nossa Época.** Artafrika. Centro de Estudos Comparatistas. Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa. A Arte da Resistência Africana. In: www.artafrica.info/html/artigotrimestre/artigo.php?id=6. Acesso em 25 de março de 2008.

KLEIN, Natália. **O Enigma das Máscaras.** In: www.rabisco.com.br/56/mascaras.htm. Acesso em 20 de abril de 2008.

LOMMEL, Andréas. **A Arte Pré-Histórica e Primitiva**. Tiragem especial para distribuição da Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda. O Mundo da Arte. Enciclopédia das Artes Plásticas em todos os tempos, 1996 – páginas 101 a 170 (72)

LOPES, A.M.;ARNAUT,L. **História da África: uma introdução**.Belo Horizonte: Crisálida, 2005 (46)

MORAIS, Dr. Lívio de. Professor de História da Arte. Presidente do Centro Cultural Luso Moçambicano. www.artistasmusidancas.blogspot.com/2007/05/14.html. Acesso em 15 de junho de 2008.

MOURA, Sonia. www.soniamoura.com.br/?m=200711 . Acesso em 23 de maio de 2008.

NEVES, Marco. www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/M/mascara.htm - 34k. Bib.: Patrice Bollon: *Morale du masque* (1990). Acesso em 14 de junho de 2008.

OKEKE, Chika. **Arte Africana Moderna**. Artafrika. Centro de Estudos Comparatistas. Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa. A Arte da Resistência Africana. In: www.artafrica.info/html/artigotrimestre/artigo.php?id=6 . Acesso em 25 de março de 2008.

OLINTO, Antonio. Artigo. **Leopold Senghor, o poeta do socialismo africano**. In: www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=2765&sid=409. Acesso em 15 de junho de 2008.

OLIVEIRA, Prof^a Dra. Carla Mary S. **INTRODUÇÃO À ARTE DA ÁFRICA**. Enciclopedia Multimedia del Arte Universal Vol. 3 ©AlphaBetum Ediciones Multimedia, Madrid, 1999.  História da Arte. África Central e Setentrional. ARTE DA ÁFRICA. Departamento de História - Universidade Federal da Paraíba.

PEFFER, John. **A diáspora como objecto**. Artafrika. Centro de Estudos Comparatistas. Faculdade de letras. Universidade de Lisboa. A Arte da Resistência Africana. www.artafrica.info/html/artigotrimestre/artigo.php?id=6 . Acesso em 25 de março de 2008.

PERRY, Gill. O Primitivismo e o “Moderno”. In: HARRISON, Charles [et alii]. **Primitivismo, Cubismo, Abstração**. São Paulo: Cosas & Naify Edições, 1998 (Cap. 1) p. 3-85

QUEIROZ, Renato da Silva. **Não vi e não gostei: o fenômeno do preconceito**. São Paulo ed. Moderna 1995. Coleção qual é o grilo? 5ª edição

RESENDE, Elaine Christina Pinto. **As artes das Áfricas Minhas idéias e minha percepção sobre as idéias dos outros**. Texto de avaliação da disciplina Estudos de Arte Africana (MEA0009 / optativa MAE-USP), 2004.

Elaine Christina Pinto Resende, graduanda do Curso de Publicidade e Propaganda

da ECA-USP.
www.arteafricana.usp.br/codigos/reflexoes/001/artes_das_africas.html. Acesso em 25 de março de 2008.

Revista Nova Escola agosto/05 ed. Abril ed. 184.

Revista Nova Escola novembro/05 ed. Abril edição 187 p. 42- 49

Revista Nova Escola novembro/2005 pág.42^a 49

SAID, Edward W. **Orientalismo**: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SALUM, Marta Heloísa Leuba. **NOTAS DISCURSIVAS DIANTE DAS MÁSCARAS AFRICANAS**. Artigo publicado na Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, n. 6, p. 233-253, 1996. MAE-USP. In:
www.arteafricana.usp.br/codigos/artigos/002/notas_discursivas.html. Acesso em 25 de março de 2008.

SILVA, Aracy. L. da. *Mito, razão, história e sociedade: inter-relações nos universos socioculturais indígenas*. Em: A TEMÁTICA INDÍGENA NA ESCOLA: NOVOS SUBSÍDIOS PARA PROFESSORES DE 1º E 2º GRAUS, Org. por Aracy Lopes da Silva e Luís D. B. Grupioni. Global Editora. MEC/MARI/UNESCO, 199

SILVA, Dilma de Melo e. **Identidade afro-brasileira**: abordagem do ensino da arte. Dilma de Melo e Silva p.44 a 49.
www.Ojs.portcom.intercom.org.br/index.php/Comedu/article/viewFile/4367/4077. Acesso em 25 de junho de 2008.

SILVA, Petronilha B. **Gonçalves e. Superando o Racismo na Escola**, SECAD-MEC, 2005, p.156

SOUSA, Cristiano Oliveira. **A utilização da imagem como representação cultural passível de uma análise histórica**: uma abordagem culturalista. In: www.ichs.ufop.br/memorial/trab/h1_2.doc - Acesso em 14 de maio de 2008.

URBAN, Paulo. **Máscaras - As Mil Faces de Deus**. Publicado na Revista Planeta nº 362 / novembro 2002 In: <http://eualquimistademimmesmo.blogspot.com/> Acesso em 17 de maio de 2008.

VELLOSO, Beatriz. ARTES VISUAIS. As faces da África – Exposição – Rio de Janeiro. In:

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG60559-6011,00.html> . Acesso em 21 de junho de 2008.

VIEIRA, Francisco Sandro Silveira. **DO EUROCENTRISMO AO AFROPESSIMISMO**. Reflexão sobre a construção do imaginário da “África” no Brasil. Francisco Sandro Silveira Vieira. Revista do Departamento de Serviço Social PUC – Rio

<http://soukha.blogspot.com/2006/02/mscara.html>, www.bragancanet.pt/arte/mascaras.html **Máscaras e Mascarados**. Acesso em 27 de maio de 2008.

<http://educação.uol.com.br/planos-aula>

Érica Alves da Silva. Acesso em 10 de setembro de 2008.

www.african-arte.com/index.php?pag=parts/historia.php. História Como observar a Arte Africana. Acesso em 2 de julho de 2008.

www.afroasia.ufba/edição.php?cod.Ed=78. Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia – Salvador nº 2-3 (1966) p. 177 a 182. Vivaldo da Costa Lima na Inglaterra. Conferências de Rolf Reichert no exterior. Instituto Luis de Camões. Colóquio Brasil Japão-Estudos Orientais na América Lativa. 1º Festival Mundial de Artes Negras – Informações. Acesso em 2 de julho de 2008.

www.arteducacao.pro.br. A ARTE DA PRÉ-HISTÓRIA BRASILEIRA. Acesso em 21 de maio de 2008.

www.brasilcultura.com.br/conteudo.php?id=980&menu=89&sub=1009. A ARTE DA PRÉ-HISTÓRIA BRASILEIRA. Acesso em 16 de junho de 2008

www.auniao.pb.gov.br/v2/index.php?option=com_content&task=view&id=5542&Itemid=44.

Jornal A União. As múltiplas máscaras do ser humano. Acesso em 29 de maio de 2008.

www.blueshell.blogspot.com/2004/08/mscara.html. Acesso em 29 de maio de 2008.

www.cfh.ufsc.br/~dich/TextoCaderno78.pdf. Acesso em 27 de maio de 2008.

www.edmilsonrodrigues.uniblog.com.br/. Luzes na Floresta. Acesso em 26 de maio de 2008.

www.fonaper.com.br/documentos/x_seminario/08_sala_04.pdf Acesso em 30 de julho de 2008

www.gotas_de_orvalho.blogs.sapo.pt/16415.html?mode=reply. Acesso em 26 de maio de 2008.

www.misp.pucsp.br/museu/culturamaterial.asp. Museu iconográfico de Saúde Pública de São Paulo – MISIP 9. Acesso em 10 de junho de 2008.

www.misp.pucsp.br/museu/culturamaterial.asp. Acesso em 10 de junho de 2008.

www.misp.pucsp.br/museu/culturamaterial.asp. Acesso em 10 de junho de 2008.

www.museuafrobrasil.com.br/cursos_seminarios.asp. Acesso em 13 de junho de 2008.

www.orebate-dorotydimolitsas.blogspot.com/2007/02/carnaval-e-suas-mascaras.html. Jornal O rebate. Carnaval e suas máscaras. Já usavam máscaras na Pré- História. Acesso em 13 de junho de 2008.

www.passeiweb.com/na_ponta_da_lingua. Cultura material e Arte africana. Cultura Material e História. Cultura material, Filosofia e Religião. Fonte: USP (texto retirado de Formas de Humanidade, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Escrito em janeiro de 1999 e revestido e adaptado em julho de 2005 para publicação no site. Acesso em 13 de junho de 2008.

www.revistaescola.abril.com.br/ed_anteriores/0187.shtml. Revista Nova escola edição 187 nov.2005. **África de todos nós**. Acesso em 25 de junho de 2008.

<http://rui.c.vilabol.uol.com.br/cultpopu.html> A CULTURA POPULAR DE TRADIÇÕES ORAIS NA ESCOLA. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DA DISCIPLINA. INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DA EDUCAÇÃO PROF. : JOSÉ SÉRGIO FONSECA DE CARVALHO. Aluno: RICARDO RIBEIRO DE MENDONÇA JR. Acesso em 11 de junho de 2008.